

MODA INCLUSIVA: a necessidade da moda inclusiva no mundo de hoje¹

Andrea Pereira²
 Maria Alice Ximenes Cruz³

125

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é levantar subsídios para uma reflexão teórico-prática com intuito de contribuir para minimizar a problemática das necessidades especiais. Partindo da análise de algumas referências e enfatizando a problematização do estranhamento a que os Portadores de Necessidade Especiais (PNE) são submetidos quando julgados pela aparência. Como resultado deste projeto, apresentam-se formas de inclusão social pelo vestuário com trajas desenvolvidos com características de design universal social (que atenda a todos de forma igualitária). Foram estudados a possibilidade de adaptações na estrutura dos trajas e os cuidados com a estética, na tentativa de amenizar o impacto causado pelo olhar do outro, que tantas vezes contribui para a exclusão social a que são submetidos. Vale salientar que esta pesquisa comporta certa dimensão prática, uma vez que levou-se em conta a produção de peças de vestuários fundamentados em modificações do suporte técnico da modelagem convencional aplicado na indústria do vestuário. A visão, também, que se levou em consideração foi com relação aos custos para proporcionar a todos acessibilidade para adquirir as peças.

Palavras-chave: Moda. Moda Inclusiva. Corpo. Modelagem.

ABSTRACT

The objective of this research is to raise subsidies for a theoretical and practical reflection aiming to help reduce the problem of special needs. Based on the analysis of some references and emphasizing the questioning of estrangement that the PNE are subjected when judged by appearance. As a result of this project, are presented forms of social inclusion through clothing with costumes developed with social universal design features (that meets all equally). They studied the possibility of adjustments in the structure of costumes and care with the aesthetics, trying to soften the impact of the gaze of the other, which often contributes to social exclusion they undergo. It is worth noting that this research holds some practical dimension, since it took into account the production of pieces of garments based on changes in the technical support of conventional modeling applied in the garment industry. The view also, it takes into consideration was related to the costs to provide accessibility to acquire all the pieces.

Keywords: Fashion. Inclusive fashion. Body. Modeling.

1 INTRODUÇÃO

Quem tem um familiar com alguma deficiência sente de maneira mais intensa e dolorida, as dificuldades que um Portador de Necessidades Especiais (PNE) enfrenta. Por isso, o presente trabalho tem por finalidade entender melhor e ajudar pessoas que vivem essa dura realidade de estar ou ser deficiente. Dura porque, além de ter que aprender a viver numa sociedade que não está estruturada para ajudá-lo, no seu dia a dia, a discriminação é real e facilmente visível.

Há muitos países onde existe estrutura adequada, preocupação em estar sempre facilitando o dia a dia do deficiente, a fim de que ele possa ter uma vida o mais normal possível. Mas, ao limitar-se à realidade brasileira, observa-se que é bem diferente. Porém, há esperança! Hoje, já, existem no Brasil, como pode ser visto em livros, pesquisas, depoimentos e campanhas, grupos específicos trabalhando em várias áreas para que o PNE possa ter uma vida normal e integrar-se à sociedade.

Realmente, habitar um corpo com deficiência: intelectual, física e emocional, é difícil tarefa na vida de muitas pessoas.

A proposta desta pesquisa é que as pessoas com deficiência, através da moda inclusiva, tivessem a oportunidade de ter acesso a modelos de roupas apropriadas, bonitas, com facilidade em usar, e que dessem certa independência no seu dia a dia. Propõe-se, portanto, desenvolver um tipo de vestuário diferenciado, inclusivo, que responda às necessidades especiais dos deficientes físicos e que possa permitir que usufruam da experiência do vestuário, trazendo melhorias na sua qualidade de vida, não apenas do ponto de vista prático e funcional, mas, sobretudo, do ponto de vista das relações interpessoais.

Há a necessidade de sensibilização por parte do setor de vestuário e de toda a sociedade, em perceber que o ser humano é um todo e não apenas uma parte que lhe foi tirada. Sendo assim, esta pesquisa

¹ Artigo baseado em Trabalho e Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia Têxtil, depositado em 18 de dezembro de 2015

² Tecnóloga em Produção Têxtil - Fatec Americana – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza; Contato: pereira.andrea.2007@hotmail.com

³ Profa. Dr. Fatec Americana – Doutora em Artes; Contato: ximenes.mariaalice@gmail.com

propõe modificações na modelagem para que acompanhe as variações de tamanhos e medidas das próteses ou não, acrescentando a estas modelagens detalhes estéticos e utilitários ao uso e a adequação a todas as necessidades possíveis dos corpos com ausência dos membros, reintegrando-os à sociedade.

Esta pesquisa, também, aborda a importância do uso de materiais confortáveis na confecção das roupas apropriadas.

A metodologia abordada abrange a pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (2006, p. 66) trata-se do “levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros, revistas, jornal, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto”

Consultando livros, pesquisando trabalhos realizados por profissionais da área de moda, ouvindo depoimentos de PNE, e também usando de própria experiência familiar, esta pesquisadora procurou fazer um trabalho que fosse útil para os deficientes, para a sociedade. O que leva à pesquisa descritiva tendo como objetivo “observar, registrar, ordenar, analisar, interpretar os dados ou fatos colhidos da própria realidade, sem manipulá-los, isto é, sem a interferência do pesquisador”. (ALMEIDA, 1996, p. 104). Assim, para coletar tais dados, a pesquisa de campo se fez necessária, utilizando-se de técnicas específicas, tais como: entrevista, formulário e observação. A pesquisa de campo, também chamada de pesquisa empírica, requer contato maior com a população pesquisada a fim de verificar a ocorrência de algum fenômeno que esteja influenciando, ou realizar alguma experiência. (MARTINS JUNIOR, 2009).

Os dados foram coletados por meio de entrevista individual para conhecimento da existência ou não de desconforto para cada um dos entrevistados com relação às diferentes peças do vestuário disponíveis no mercado. As questões eram lidas pela pesquisadora, respondidas pelos entrevistados e tal resposta transcrita também pela pesquisadora. Esta forma de abordagem fez com que os entrevistados sentissem-se a vontade para relatar mais informações, além das que estavam em questão, tornando a coleta de dados mais rica. A cada pergunta os entrevistados relatavam experiências de vida, buscando mostrar que o que estavam respondendo era parte de sua realidade diária. Salientavam também a importância deste tipo de pesquisa, pois, segundo os entrevistados, “nada mais correto do que perguntar para o próprio PNE o que ele precisa” (palavras proferidas por um dos entrevistados).

Os sujeitos envolvidos foram: um cadeirante, uma pessoa que fez mastectomia, uma pessoa que teve um membro superior (braço) decepado; um médico que cuida de pacientes portadores de necessidades especiais.

Os sujeitos envolvidos deram autorização para utilizar suas informações e opiniões, para que esta pesquisadora pudesse realizar este relatório de pesquisa.

Patton ((1990, apud MAFFEI, 2010)) define os dados qualificativos como descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações, condutas observadas e suas manifestações. Um estudo qualitativo busca compreender seu fenômeno de estudo em seu ambiente usual (como as pessoas vivem, comportam-se e agem; o que pensam; quais são suas atitudes). Por seu modo de abrangência, do geral ao particular, escolheu-se o método qualitativo para analisar o processo do vestir, usar e despir, segundo a ótica dos portadores de necessidades especiais.

O autor Bachelard (1994) é importante para o presente projeto no sentido de que um determinado momento o pesquisador se vê na pesquisa. Há uma identificação. Uma natureza autobiográfica, por experiências vivenciadas, por relatos e documentos reunidos. É como se o pesquisador se visse na pesquisa.

O trabalho está dividido em sete seções. A introdução tem como objetivo mostrar os temas que serão abordados em cada uma, bem como a metodologia utilizada. A seção 2 discorre sobre a estética, sua definição e quanto à essência da beleza. A terceira seção traz informações sobre a deficiência, o que é, que tipos existem e traz também como acolher a deficiência, sua inclusão na sociedade. Já na quarta seção o assunto é a origem da moda e o surgimento da moda inclusiva. A quinta abrange a pesquisa de tendência e os passos do início de métodos e processos criativos; nesta seção também são abordados croquis e fichas técnicas desenvolvidos com base em depoimentos de PNE entrevistados. A sexta seção aborda a definição de modelagem e demonstra todo trabalho do estudo de caso. Para encerrar a última seção que traz as considerações da pesquisadora.

2 ESTÉTICA

Estética é uma palavra de origem do termo grego *aisthetikè* “Aquele que nota, que percebe “(FERREIRA, 2010, p.1152).

Segundo Souriau (1973) estética é uma especialidade filosófica que visa investigar a essência da beleza. É a mente humana, criando templos, catedrais, palácios, estátuas, pinturas, melodias, todos os poemas. Mas também é a mente humana meditando sobre sua própria sensibilidade, através da qual se emociona diante de várias situações: o espetáculo de um pôr do sol, de uma tempestade, de um belo rosto ou belo corpo.

A estética é uma especialidade filosófica que visa investigar a essência da beleza e as bases da arte. Ela procura compreender as emoções, ideias e juízos que são despertados ao se observar uma obra de arte. É natural ver esta disciplina levantar questões sobre a natureza da arte, as causas de seu êxito, seus objetivos, seus meios de expressão, sua relação com a esfera emocional de quem a produz, seus mecanismos de atuação – ela deriva de intenções instigantes, simbólicas ou catárticas? -; acerca do potencial humano de entendimento do conteúdo da produção artística, do significado do prazer estético. Esta expressão nasce em fontes gregas, *aisthesis*, denotando ‘percepção, sensação’. As pesquisas concretizadas neste campo têm por meta atingir a natureza dos juízos e da intuição sobre o belo, compreender como agem os sentimentos na interação com os eventos estéticos, assim como pretendem analisar os mais diversos estilos artísticos e modalidades de produção. Da mesma forma a estética também se ocupa do feio, da ausência do ‘belo’. (SANTANA, 2015)

O ponto que deve ficar bem claro quanto à beleza é que “a beleza é uma maneira de relacionarmos com o mundo. Não tem a ver com formas, medidas, proporções, tonalidades e arranjos que pretensamente definem algo como belo.” (DUARTE, 1991, p.13). A beleza não diz respeito às qualidades dos objetos, mensuráveis e normatizáveis. Diz respeito à forma como se relaciona com eles. Beleza é a relação entre o sujeito e o objeto. A estética aborda o sentimento que alguma coisa bela desperta dentro do indivíduo, assim, cada vez mais, surge clínicas de estética especializadas em tratamento de beleza, cujo objetivo é de melhorar a aparência. Todas as pessoas querem estar bonitas a qualquer hora, ou, pelo menos em ocasiões especiais. A estética busca realçar a beleza única de cada ser humano, (beleza é fundamental!) independentemente de como está sua aparência. A estética trabalha não só na beleza física, mas como um todo, dando, portanto, à pessoa o direito de se expressar, vestir, ir e se sentir elegante e atraente.

Não é diferente em relação à pessoa portadora de deficiência física. Fica claro o quanto isso é importante, independentemente de a pessoa ser ou não “normal”. Embora muitas pessoas, não deficientes, acreditem que nunca o serão, estas veem aquelas como diferentes; por causa do seu corpo marcado pela deficiência e fragmentado pela imperfeição que desvia dos padrões de perfeição; as pessoas com deficiência são vistas como pouco atraentes, indesejáveis e incapazes de manter ou ter um relacionamento amoroso. (CROCHIK, 1997; KAUFMAN, SILVEBERG, ODETTE, 2003; SILVA, 2006).

O preconceito com as deficiências configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que as diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade (...) A estrutura funcional da sociedade demanda pessoas fortes, que tenham um corpo ‘saúdável’, que sejam eficientes para competir no mercado de trabalho. O corpo fora de ordem, a sensibilidade dos fracos, são obstáculos à produção. Os considerados fortes sentem-se ameaçados pela lembrança da fragilidade, possível de ser experimentada por qualquer ser humano (p.426).

A estética não pode esconder que a moda tem também uma vertente ética que se refere ao bem. “Aristóteles, na sua Retórica, define assim o belo: “aquilo que sendo bem, seja agradável, porque é bem” e antes dele, Platão tinha mencionado que “todo o bem é belo.”(D’ABADIA, 2009)

Dentro do campo do design, pensar num tipo de moda completamente diferente do que foi pensado até hoje significa inovar, romper barreiras e ganhar valores de vanguarda. Pensar na Moda Inclusiva pode ser estimulante para os designers que têm como objetivo contornar limites e pesquisar materiais especiais. Valoriza-se assim a função dos tecidos, dos recortes, o deslocamento das costuras, as posições dos pontos e bolsos. Materiais podem ser substituídos: o zíper pelo velcro, o velcro pelo íman e assim por diante. Quanto mais a pesquisa avança, mais se encontram soluções para essa nova moda. E esse é o papel do designer, inovar sempre para o bem da função e da estética. (SÃO PAULO, 2012, p.17)

3 DEFICIÊNCIA

Segundo a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU), em seu artigo primeiro (2006) deficiência é “um impedimento de natureza física, intelectual, ou sensorial os quais podem limitar ou anular a participação plena e efetiva de uma pessoa na sociedade”. Hoje o conceito engloba a restrição a um modo de viver pleno tendo, como foco, não a pessoa, mas a interação dela com o meio ambiente onde vive que pode ter barreiras que pioram ou melhoram a sua qualidade da vida.

Na legislação brasileira, os diferentes tipos de deficiência estão categorizados no decreto n. 5.296/2004 como deficiência física, auditiva, visual, mental (atualmente intelectual, função cognitiva) e múltipla, que é a associação de mais de um tipo de deficiência (BRASIL, 2004)

As pessoas são diferentes entre si, e isso pode ser visto entre homens e mulheres, nos ciclos da vida, na fragilidade humana. Com a supervalorização da capacidade física, sensorial e intelectual, as pessoas com deficiência sempre sofrem algum tipo de discriminação, desvalorização e mesmo exclusão. No século XX a deficiência era encarada como algo que não teria recuperação, deixando, assim, as pessoas portadoras de deficiência longe da sociedade, das ruas, escolas, mantendo-as confinadas apenas aos familiares. (MAIOR, 2015)

Para Maior (2015) a partir da década de 1960 o movimento de reivindicação de direitos, e a luta contra a opressão e pelo protagonismo das pessoas com deficiência, surgiram o modelo social da deficiência em contraposição ao modelo meramente biológico. O modelo social tem por foco as condições de interação entre a sociedade e as pessoas com limitações funcionais. As pessoas com deficiência são sujeitos de direitos, com autonomia e independência para fazer suas escolhas, contando com apoios sociais. As intervenções devem ser realizadas na esfera atitudinal e na provisão de acessibilidade nas construções e espaços urbanos, nos transportes, nas diversas formas e sistemas de comunicação, de informação, assim como acesso à tecnologia assistiva.

A seguir instalou-se o modelo de inclusão, toda a pessoa tem o direito de ir e vir. Tem direito a autonomia e de fazer as suas escolhas contando com o apoio da sociedade. É dever de a sociedade providenciar os meios necessários para que as pessoas portadoras de quaisquer deficiências consigam os direitos básicos como: transportes adequados as suas necessidades, meios de se locomover em qualquer lugar, adaptações necessárias nas escolas, bem como professores qualificados para atender às necessidades dos alunos. Exemplo: professores com conhecimento em libras para os deficientes auditivos, guias rebaixasadas, espaços confortáveis.

As pessoas com deficiência representam 15% da população mundial, cerca de um bilhão de habitantes, conforme divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no Relatório Mundial sobre a Deficiência. Trata-se da maior minoria do planeta, fato suficiente para que o segmento tenha seus direitos assegurados e necessidades específicas levadas em conta nas políticas públicas (SÃO PAULO, 2012 apud MAIOR, 2015).

No Brasil, o resultado obtido no Censo IBGE 2010 foram 23,9%, aproximadamente, 45 milhões de pessoas, segundo o conceito de funcional idade. Nas estatísticas estão considerados todos os tipos e graus de deficiência de acordo com o desempenho nas atividades e domínios pesquisados: alguma dificuldade, grande dificuldade ou não ser capaz de caminhar e subir escadas, enxergar, ouvir ou apresentar deficiência mental/intelectual (IBGE, 2012 apud MAIOR, 2015)

3.1 Inclusão

Segundo José F. Belisário Filho (2000), quando se fala em inclusão, fala-se em uma nova postura da sociedade, onde há mistura e permite que apareçam as diferenças. Isto se realizará se ocorrer uma mudança de pensamento na forma de tratar e educar, respeitando as diferenças como a singularidade que nos torna únicos.

A inclusão, muito mais do que submeter, é abranger, acolher. A tendência hoje é de uma sociedade inclusiva, porque, pelos valores seguidos na atualidade, é a via que melhor satisfaz ao indivíduo em particular e à sociedade em geral. Quando o indivíduo está e se sente incluído, têm mais chances de vencer na vida, por se sentir mais seguro e ter de fato mais oportunidades. É sabido que em uma sociedade onde seus cidadãos conseguem se realizarem como indivíduos, tem mais chance de sucesso e estabilidade.

A inclusão funciona como manutenção de saúde, não é remédio, e sim resultado de pequenas decisões tomadas pelos médicos, terapeutas, familiares e, educadores, desde o começo da vida da criança. O processo pode ser visto à maneira do professor Romeu Kazumi Sassaki: “define-se inclusão social como sistema pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais, e estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”. (Sassaki, 1997, p.3).

Pelo Modelo Social da Deficiência, os problemas da pessoa PNE não estão nela tanto quanto estão na sociedade. Assim, a sociedade é chamada a ver que ela cria problemas para os PNE, causando-lhes incapacidade (ou desvantagem) no desempenho de papéis sociais em virtude de:

- seus ambientes restritivos;
- suas políticas discriminatórias e suas atitudes preconceituosas que rejeitam a minoria e todas as formas de diferença;
- seus discutíveis padrões de normalidade;
- seus objetivos e outros bens inacessíveis do ponto de vista físico;
- seus pré-requisitos atingíveis apenas pela maioria aparentemente homogênea;
- sua quase total desinformação sobre necessidades especiais e sobre direitos das pessoas que têm essas necessidades; e,
- suas práticas discriminatórias em muitos setores da atividade humana. (SASSAKI, 1997, p.47)

Cabe, portanto, à sociedade eliminar as barreiras físicas, programáticas e atitudinais para que os PNE possam ter acesso aos serviços, lugares, informações e bens necessários ao seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional. A inclusão social é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de pequenas e grandes transformações, nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliários e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive do PNE.

A partir do momento em que uma pessoa fica privada de usar as roupas que gostaria, perde parte da capacidade de expressar a sua personalidade por meio do vestuário. Além de que, sua habilidade em interagir socialmente também é diminuída, já que o vestuário é uma forma de demonstrar a concordância de um indivíduo com os outros de seu grupo. Percebe-se que é possível um aumento da possibilidade de inclusão social de pessoas com necessidades especiais pelo uso de vestuário adequado às suas características e gostos, com um conseqüente aumento da qualidade de vida e da segurança para interagir com outros membros da comunidade.

A moda e a modelagem, como ferramentas, vieram agregar à estética do vestuário possibilidades de analisar o comportamento da sociedade, uma vez que, ao se expor o sujeito demonstra valores de status, diferenças sociais e sentimentos que são traduzidos pela forma de se vestir.

4 MODA

Moda, palavra do latim “*modus*” que significa modo e que em francês não somente *mode* como também *façon* ou *manière* significam modo maneira. Assim, percebe-se que a moda também é modo. Seu sistema está construído com base na efemeridade, ou seja, nas constantes mudanças e seu surgimento deu no final da Idade Média quando os comerciantes enriqueceram e passaram a “copiar” os nobres. Os nobres, por sua vez, não se agradaram e começaram a reinventar seus trajes em pouco espaço de tempo. Assim nasce o fenômeno da moda. Que é mudança constante⁴

4.1 Moda inclusiva

Segundo a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SÃO PAULO, 2012), moda inclusiva é uma proposta para incluir tipos de corpos que a indústria, de hoje, não contempla. Todos sabem como são rígidos os padrões da moda tradicional; os olhares voltados para os corpos altos e magros e sem nenhum empecilho de movimento.

A moda inclusiva pretende incluir pessoas bem longe desse padrão, que atualmente são ignorados pelos olhos das indústrias. Mas a realidade, é que pessoas com deficiência existem e é quase um quarto da população brasileira.

Democratização da moda

A moda é algo do dia a dia, desde a hora que se acorda e abre-se o guarda roupas e veste-se. Pois a moda se faz presente quando se tem que decidir e escolher uma roupa para trabalhar, um evento especial ou ir à esquina comprar pão. O modo como se apresenta ao mundo, é a embalagem. Deve ser democratizada e humanizada, para tanto se deve olhar para o aspecto da ergonomia⁵, a mobilidade⁶ e a funcionalidade⁷ de cada peça envolvida.

⁴ XIMENES, M.A. Aula proferida em 10/08/2015.

⁵ “Ergonomia é o estudo científico dos problemas relativos ao trabalho humano e que devem ser levados em conta na projeção de máquinas e equipamentos e ambiente de trabalho” (Aurélio Dic.)

⁶ “Mobilidade, qualidade de móvel, agitação (do que se move com animação), facilidade de mudar de expressão, volubilidade e inconsistência.” (Dic. Aurélio)

⁷ “Funcionalidade, qualidade do que é funcional uso especial para o que algo é concebido” (Dic. Aurélio).

Alguém que não tem um braço, por exemplo, precisa encontrar modos mais práticos para fechar o zíper de seu casaco e calça e assim ser mais autônomo. Ou então, para os que vivem a vida sentada numa cadeira de rodas, é preciso encontrar soluções mais confortáveis, e igualmente bonitas. Os exemplos são infinitos, porque também são infinitos os tipos de pessoas que existem neste mundo.

Com a definição de deficiência e sua inclusão na sociedade, surge a moda inclusiva, que tem como objetivo fazer a inclusão das pessoas portadoras de deficiência na sociedade através de peças de roupas ou acessórios confortáveis, de fácil uso ou colocação, visando também à beleza. Essa moda inclusiva dará oportunidade a todas as pessoas de serem normais, e aceitas com as suas dificuldades. Hoje, o que se vê nas passarelas são grupos de pessoas consideradas, por muito tempo, não normais desfilando e sonhando com oportunidade de mostrar o seu corpo e a sua beleza natural. A pessoa com deficiência não é diferente. Ela tem a mesma necessidade de ser aceita e de estar inclusa na sociedade, e para isso precisa de mais autonomia; “O que seria alcançado se houvessem (sic) mais roupas adaptadas no mercado da moda”. (DALBOSCO, 2014)

” o reino da moda generalizada leva a seu ponto culminante o enigma do ser em conjunto próprio à era democrática. Trata-se de compreender como uma sociedade fundada na forma moda pode fazer coexistir os homens entre si. Como pode ela instaurar um elo de sociedade quando não cessa de ampliar a esfera da autonomia subjetiva, de multiplicar as diferenças individuais, de esvaziar os princípios sociais reguladores de sua substância transcendentais, de dissolver a unidade dos modos de vida e das opiniões”? (LIPOVETSKY, 1989, p.265 apud DALBOSCO, 2014)

Ser igual é o que quase todas as pessoas desejam, porque querem ser aceitas no seu meio de convivência ou seu grupo. Mas existe uma ambiguidade, pois o indivíduo quer ser igual, mas ao mesmo tempo quer se destacar no mesmo grupo. Ou seja, ora a padronização, ora a diferenciação. “Se extremos estímulos à diferenciação atravessam a subjetividade contemporânea, não é de se estranhar as condições privilegiadas da moda, agenciadora de diferenças, neste momento da história.” (MESQUITA, 2010, p. 66 apud DALBOSCO, 2014).

Qualquer familiar que deseje encontrar outras formas de ajudar quanto ao modo de vestir seus entes queridos com deficiência, terá grande dificuldade, pois há poucas peças no mercado.

Para Mattos, presidente da 9ª Edição do Colóquio de Moda, em 2005 na cidade de Ribeirão Preto no interior de São Paulo, onde aconteceu a 1ª edição de Colóquio de Moda; no início o evento reuniu cerca de 50 comunicadores orais, que tinham a moda, vestuário e o figurino como temas principais. Não se podia imaginar que esse evento se consolidaria e viria a ser o maior fórum para discussão de assuntos relativos à moda. Nas últimas edições, o evento que iniciou com 50 comunicações orais, chegou à média de 300 trabalhos aprovados. Desde 2007, os trabalhos que eram divididos em apenas sessões de comunicações orais, passaram a ser divididos por grupos de trabalhos. A partir dessa mudança os grupos se firmaram e alguns dos trabalhos apresentados devem parte do seu crescimento às discussões realizadas anualmente entre pares nestes grupos (MATTOS e BONAGIO, 2014).

Hoje são dez grupos de trabalho envolvidos no colóquio de moda, chamados Grupos de Trabalhos (GTs). Cada grupo tem dois coordenadores que elegem o melhor trabalho na área.

O Grupo de Trabalho Design e Processos de Produção em Moda faz parte do Colóquio de Moda desde seu início, em 2005, e permanece confirmada sua importância a cada edição desse conceituado encontro de pesquisadores de moda. Isso talvez ocorra por ser um dos poucos GTs que investigam a produção da moda, seja em produtos, serviços, eventos, seja em demais sistemas que integram o complexo mundo “fazer” moda. De sua relação com a prática, apresenta resultados concretos e eficazes para melhoria do dia a dia, mantendo a capacidade de novos conceitos e conhecimentos. Nesse sentido no ano de 2013, a coordenação do GT selecionou como destaque o artigo Antropometria e ergonomia no design para cadeirante desportista, por sua contribuição relevante na área de modelagem especial. O estudo decorre de pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade do Minho, em Portugal, por Maria do Socorro de Araújo, que elaborou o artigo em coautoria com Miguel Ângelo Fernandes Carvalho. (RÜTHSCHILLING e RECH, 2014, p 79)

Um dos trabalhos de destaque do grupo GT foi de *Antropometria⁸ e Ergonomia No Design Para Cadeirante Desportista* que investigou como ferramenta indispensável no projeto em design e construção de modelagem o vestuário para pessoas com necessidades especiais motoras. Apresenta sugestão de alteração de modelagem, visando conforto físico, bem-estar, usabilidade e necessidades estéticas. Atualmente as pessoas PNE, têm mostrado capacidade de estudar, trabalhar e cuidar de si mesma.

⁸ Antropometria- refere-se às medidas físicas do corpo humano’ em termos de tamanho e proporções’.

A prática de desportos é um exemplo dessa capacidade, que pode ser exercida por elas, praticamente sem limites. Sendo uma das primeiras escolhas pessoal masculina, o basquetebol em cadeira de rodas cresceu nas últimas décadas, porém, o vestuário nem sempre atende as necessidades subjetivas do atleta em termos de conforto e design. A pesquisa com o grupo de jogadores de basquetebol de Associação Portuguesa de Deficientes (APD) da Delegação de Braga, em Portugal -, foi motivado pela carência de peças de vestuário desenvolvidas a esses usuários. Utiliza têxtil tecnológicos em grande escala, e também realiza estudos que propiciam maior desempenho dos atletas. Além do conforto e alto desempenho do atleta, outros aspectos deverão ser analisados. Os cadeirantes geralmente não têm o mesmo desempenho físico das pessoas consideradas “normais”. (ARAÚJO e CARVALHO, 2014)

5 MÉTODOS E PROCESSOS

5.1 Painel inspiração/tendência

Para Back (2008 apud CAMPOS e RECH, 2015), pesquisar tendências é perceber influências exercidas sobre um contexto e ler sua evolução buscando compreender suas futuras consequências. Do latim *tendentia*, cujo significado abrange tender para, as tendências nada mais são que direcionamentos possíveis para um determinado tempo póstumo. Neste sentido, as tendências funcionam como um espelho do futuro da contemporaneidade.

Na moda e no vestuário o exercício da linguagem, como toda linguagem, age no campo do imaginário, dos significantes, sendo parte integrante da cultura. Palomino (2003 apud RIBEIRO et al, 2013) considera que as tendências são o denominador comum da moda. Segundo a autora as tendências surgem na ponta inicial da cadeia têxtil, nas indústrias produtoras de fios e fibras, chegando até ao mercado do vestuário. Lynch e Strauss (2007; apud RIBEIRO et al, 2013) complementam afirmando que desde uma perspectiva antropológica, o vestuário e a aparência, e as tendências da moda, em particular, são visíveis incorporações dos sistemas culturais e seus significados.

O painel de tendência abaixo foi inscrito no 7º concurso de Moda Inclusiva por esta pesquisadora, e foi aceito; e abrange seis tópicos primários. A foto primeira como visão do mundo, aonde estão pessoas ditas comuns e também as pessoas portadoras de necessidades especiais. Na segunda imagem (o japonês rastejando o chão) buscou-se a introspectiva da beleza interior. A fonte das imagens 1 e 2 foi a revista Sons do Mundo.(PEREZ, 2015). Na terceira imagem (a atleta, que em 1984 nas olimpíadas, cumpriu a prova vencendo suas próprias barreiras físicas e emocional) inspirou essa pesquisadora em que independente das dificuldades que se apresentem pode-se conseguir realizar os sonhos e objetivos.(GOOGLE,2015). Já na quarta imagem (desafiando gigantes) a inspiração foi a persistência e a continuidade de luta e busca constante de novos ideais.Esta imagem do filme de 2006, Desafiando Gigantes (GOOGLE,2015) Na quinta imagem inspirou-se as cores vibrantes e na sexta imagem a possibilidade de criação de muitas peças. (GOOGLE, 2015) Ao lado está a cartela de cores inspirada no verão de 2015.

Figura 1 - Inspiração para tendências 1



Fonte: The traveller (Sons do mundo); Cores da Pantone e imagens de internet 1

5.2 Croquis

O croqui é muito importante, porque é ele que representa e externa as ideias. A função do croqui é comunicar a ideia, a obrigação dele é atingir isso, não importa como. O desenho tem por finalidade demonstrar o efeito que o produto da moda terá, antes de sua confecção.

Croqui/Cadeirante

Segundo Maffei (2010) para o cadeirante, de modo geral, devido o constante movimento dos braços, tanto para manejar a cadeira de rodas quanto para locomover-se dela, acarreta um maior desenvolvimento muscular dos membros superiores. Aliado a não movimentação do corpo por completo, ou seja, a falta de exercícios físicos regulares acaba por causar obesidade em alguns casos. Esses dois fatos acarretam a alteração de medidas. Grande parte do público cadeirante resolve esse problema adquirindo vestimentas com uma numeração acima da que lhe caberia. Porém toda roupa para a parte superior do corpo tem por base medidas do comprimento do tronco de uma pessoa em pé. Isso quer dizer que, ao permanecer na posição sentada, fazendo uso de uma numeração maior, acarretará sobra de tecido, podendo causar desconforto, principalmente, em relação à cadeira de rodas (em alguns casos, dependendo do volume de tecido a mais, este pode enroscar nas rodas da cadeira, provocando acidentes).

Conforme afirma a entrevistada: Josiane Cristina Sabino, 46 anos e três filhos: de 13, 15 e 18 anos, cadeirante: “Uso roupas largas e muita *legging*; desde ocorrido abonei as calças jeans devido às dificuldades de colocar; quanto as blusas prefiro sem manga”

Está confirmado também pela entrevistada que pessoas, assim como ela, estão em contato contínuo e direto com a cadeira de rodas, o que causa incômodo, dependendo da vestimenta, considerando, também, absorção do suor, alergias e caimento, acrescido da limitação de movimentos ao vestir e despir. Assim, variações nos tipos de tecido também podem causar desconforto.

Com a afirmação da entrevistada Josiane percebeu-se a necessidade de considerar três aspectos principais, tanto para a parte superior do corpo quanto para a parte inferior: a modelagem, o tipo de tecido e o uso de cadeira de rodas. Além de se pensar nos acessórios como zíperes e botões.

Figura 2- croqui para vestuário especial para cadeirante 1



Fonte: Arquivo particular desta pesquisadora 1

Croqui/ mama

Na entrevista com a senhora SOLANGE TEIXEIRA DA S. MUNIZ, 46 anos, que fez mastectomia ficou claro que um dos principais fatores que influenciam na imagem corporal da mulher caracterizada pelos parâmetros que a sociedade impõe para a identificação do corpo feminino. A mastectomia causa um impacto que afeta não apenas a mulher, mas estende-se ao seu âmbito familiar, contexto social e grupo de amigos. A situação da doença e da mastectomia afeta os relacionamentos interpessoais na família, visto que diante de todo o processo, as alterações de ordem física, emocional e social na vida da mulher se estendem aos familiares. (MELO, SILVA & FERNANDES, 2005)

Solange Teixeira da S. Muniz relata que ao acordar sentiu-se mal por perceber que estava com dreno e sem uma das mamas e isto a constrangia perante as pessoas que vinham visitá-la, e para disfarçar ela usava roupas largas, pois sentia que os visitantes também se sentiam constrangidos. Depois que saiu do hospital procurava usar subterfúgios para disfarçar a falta da mama, porém por diversas vezes passou por situações vexatórias. Diz que soube da existência de próteses móveis (caríssima) de silicone, no formato de uma mama e sutiã com abertura para encaixe, também desconfortável e deselegante. (vide entrevista completa em anexo A).

Esta pesquisadora diante de tais afirmações procurou o Dr. Mario Celso Heins, cirurgião plástico, para uma entrevista e o médico que trabalha há tanto tempo com pacientes PNE sugeriu o uso de um bolso interno para colocação do bojo ou da prótese nas blusas. Além de outras sugestões como: dois tecidos que conhecia e usava nos seus pacientes, além de sugerir velcro em lugar de botões de pressão. O croqui da figura 3 diz respeito ao top com aplicação de um bolso interno, com a finalidade de substituir a mama retirada. O top pode ter a funcionabilidade para uma ou para duas mamas retiradas. Em conversa com a entrevistada chegou à conclusão que o top pode ser desenvolvido para uso em piscina ou praia.

Figura 3- Croqui para vestuário especial com ausência de mama 1



Fonte: Arquivo particular desta pesquisadora 1

Perda de um membro

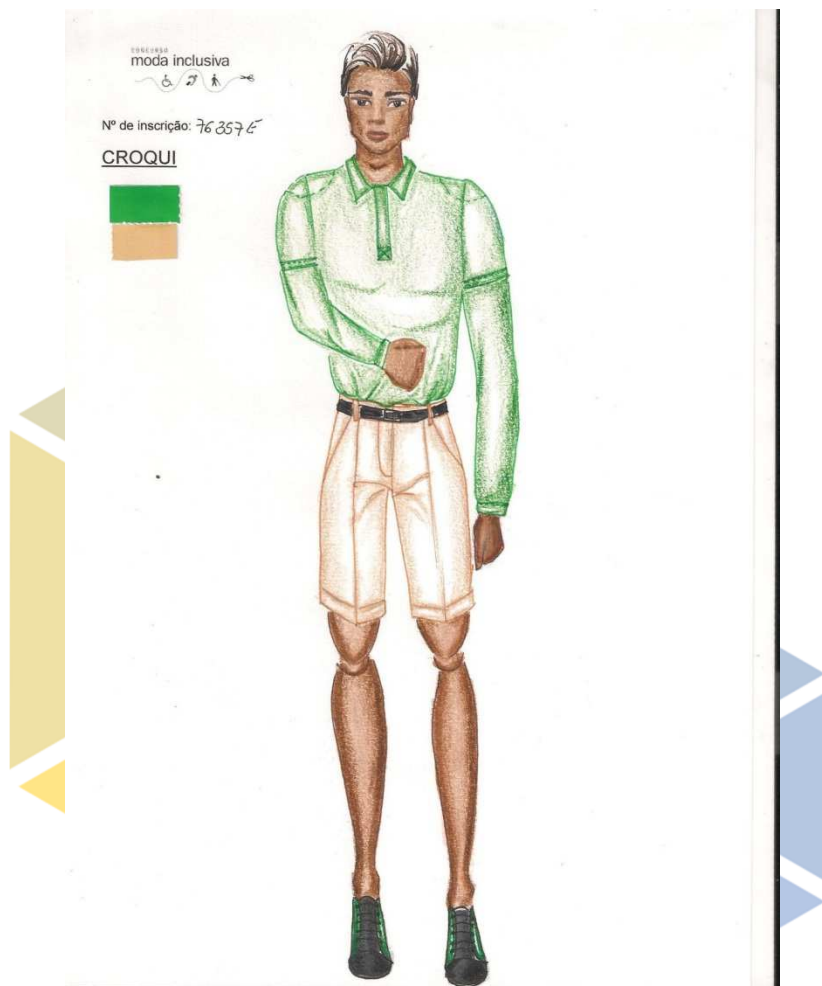
O jovem Pablo Vinicius, 24 anos que teve o braço mutilado quando tinha apenas 20 anos de idade, na empresa onde trabalhava. Foi em uma serra elétrica. Disse a respeito da situação em que se encontra:

Dificuldades, todos tem! A forma como você as enfrenta, é que faz toda a diferença! Alguns deficientes se adaptam melhor à nova realidade, e outros não. Eu me adaptei quando acordei no hospital; dependia de como eu ia lidar com essa situação agora. Hoje, às vezes, me esqueço de que não tenho um braço.

E a respeito do vestuário, o que ele encontra para comprar, são apenas peças comuns, e Pablo afirma a respeito: “Quanto à roupa, os botões fixos usados em calças e bermudas, dificultam muito o fechamento delas, para quem tem apenas uma mão. As mangas compridas das camisas, também atrapalham”.

O croqui da figura 4 demonstra uma opção para esta modalidade de PNE.

Figura 4- croqui para vestuário especial com ausência membro superior 1



Fonte: Arquivo particular desta pesquisadora 2

5.3 Ficha técnica

Ficha técnica é um documento detalhado das peças em uma confecção. Sua função pode ser observada desde o seu desenvolvimento, até a expedição, passando pela modelagem, corte, costura, beneficiamento e acabamento. Então, a ficha técnica descreve todas essas etapas da elaboração da peça a ser produzida.

Quanto mais informação, menos problemas na produção. O uso indevido ou a não utilização desta, pode gerar problemas para confecção. Exemplo: compra excedente ou insuficiente de materiais; escolha de referência erradas alterando assim, o custo do produto final. A elaboração da ficha técnica pode ser diferente de uma empresa para outra, pois cada empresa define o tipo de ficha que se adapta melhor à sua empresa. Mas o uso da ficha técnica é indispensável, pois ela transmite informações fundamentais para todos os setores. Por isso, ela deve ser objetiva e de fácil compreensão, pois uma informação confusa pode comprometer todo o processo, podendo prejudicar a qualidade do produto final. Isso por que nela estão informações essenciais para o preço de custo e venda do produto, cálculo de insumos necessários para atender aos pedidos e aquisição de matéria prima. Então, muitos problemas podem ser evitados pela elaboração e interpretação correta da ficha técnica.

Existem dois tipos de ficha técnica: de produto e de processo

Na ficha de produto estão os dados relativos à identificação do produto, como o desenho de croqui, desenho técnico, as especificações dos materiais e outras informações. O desenho técnico também chamado de desenho planejado complementa os dados da ficha de produto, pois com esse desenho pode-se visualizar detalhes da peça, como pesponto, recortes e outros. A partir desse desenho serão gerados os protótipos das peças.

Nas fichas técnicas de processos, estão os procedimentos operacionais. Coloca-se nelas, então, a sequência, a ordem que se seguirá na confecção da peça. Isso dá maior agilidade na produção, bem como no uso dos equipamentos, tempo de produção, pontos de controle, e o que a empresa achar necessário.

Não é necessário enfatizar o quanto a ficha técnica é importante para empresa e que é preciso que ela esteja de acordo com suas necessidades, pois é a partir dela que serão planejadas todas as etapas, do início até o produto acabado.

Abaixo as fichas técnicas das peças propostas por esta pesquisadora.

Peças para pessoas cadeirantes

Blusa

Figura 5 - Ficha técnica de blusa 1

Ateliê Andrea Pereira		CÓDIGO REFERÊNCIA: blusa010/15	
		MODELO: Blusa de babado	
DESCRIÇÃO: Blusa de babado com transpasse para melhor abertura ao vestir		COLEÇÃO: Verão 2015	
MODELISTA: Andrea Pereira		TAMANHO: Sob medida	
FRENTE		COSTAS	
AVIAMENTOS: Linha 27 tex 100 % poliéster Fio 18 tex 100% poliéster		TECIDOS: Viscocryra: 96% viscose, 4% elastano Cor: amarelo	
		MAQUINÁRIO: Máquina: galoneira 406 overloque 504	

Fonte: arquivo próprio

Saia

Figura 6- Ficha técnica de saia 1

Ateliê Andrea Pereira		CÓDIGO REFERÊNCIA: Saia 01/15	
		MODELO: Saia com leve godê	
DESCRIÇÃO: Saia com botão de pressão e elástico		COLEÇÃO: Verão 2015	
MODELISTA: Andrea Pereira		TAMANHO: Sob medida	
FRENTE		COSTAS	
<p>Botões de pressão</p> <p>Cós com elástico 4 cm largura</p> <p>Barra de lenço</p>		<p>Cós com elástico 4 cm largura</p> <p>Barra de lenço</p>	
<p>AVIAMENTOS: Elástico 2 cm largura composição 69% ALGODÃO e 31% LATEX Botão pressão plástico num. 12 cor azul Entretela de tecido colante. Linha 27 tex azul Fio 18 tex azul</p>		<p>TECIDOS: Brim/índigo azul</p> <p>MAQUINÁRIO: Máquina: reta ponto 301 overloque ponto 504</p>	

Fonte: arquivo próprio

Peças para pessoas com mastectomia

Saia

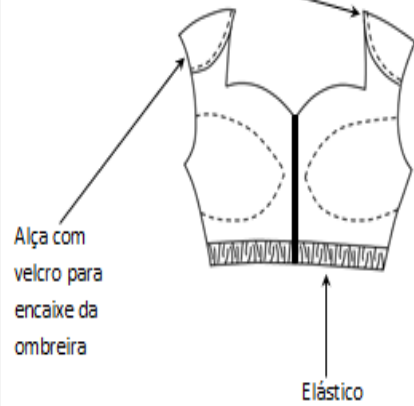
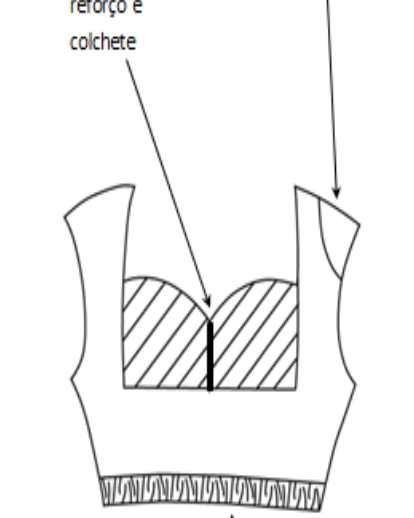
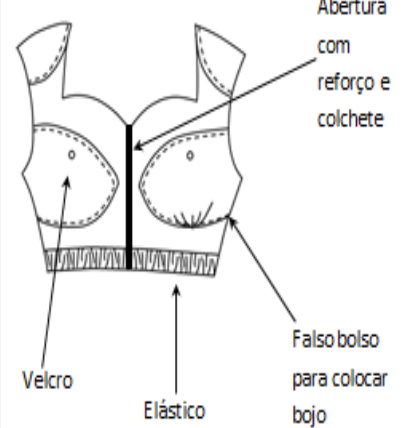
Figura 7- Ficha técnica de saia 2

Ateliê Andrea Pereira		CÓDIGO REFERÊNCIA: 02/15	
		MODELO: Saia evasê	
DESCRIÇÃO: Saia evasê com zíper invisível		COLEÇÃO: Verão 2015	
MODELISTA: Andrea Pereira		TAMANHO: Sob medida	
FRENTE		COSTAS	
<p>Zíper invisível 25 cm</p> <p>Cós com entretela</p> <p>Barrade lenço</p>		<p>Cós com entretela</p> <p>Zíper invisível 25 cm</p> <p>Barrade lenço</p>	
<p>AVIAMENTOS: Zíper ykk invisível de 25 cm Colchete de 0,9mm níquelado Entretela de não tecido autocolante 0,9mm</p>		<p>TECIDOS: Tricoline 100% algodão</p>	
		<p>MAQUINÁRIO: Máquina: reta ponto 301 overloque 504</p>	

Fonte: arquivo próprio

Top

Figura 8- top pra pessoas com mastectomia 1

Ateliê Andrea Pereira		CÓDIGO REFERÊNCIA: 03/2015	
		MODELO: Top	
DESCRIÇÃO: Top com ombreira e enchimento para mama		COLEÇÃO: Verão 2015	
MODELISTA: Andrea Pereira		TAMANHO: Sob medida	
FRENTE LADO DIREITO		COSTAS	
<p>Costura 1,3 cm larg. para velcro</p>  <p>Alça com velcro para encaixe da ombreira</p> <p>Elástico</p>		<p>Abertura com reforço e colchete</p> <p>Ombreira</p>  <p>Elástico</p>	
FRENTE LADO AVESO			
 <p>Abertura com reforço e colchete</p> <p>Velcro</p> <p>Elástico</p> <p>Falso bolso para colocar bojo</p>			
<p>AVIAMENTOS: Alça de 10 cm largura Ombreira feltro/O. E. 5/ 8mm de altura, comprimento 10 cm, largura de 18 cm; Velcro 10m de largura bege Colchete gancho de 09 mm, niquelado</p>		<p>TECIDOS: Malha cotton 100% algodão Cor: bege</p>	
		<p>MAQUINÁRIO: Máquina galoneira, overloque</p>	

Fonte: arquivo próprio

Peças para pessoas com amputação de membro superior
Blusa

Figura 9 - Blusa para pessoas com amputação de membro superior 1

Ateliê Andrea Pereira		CÓDIGO REFERÊNCIA: 30/15	
		MODELO: Blusa manga longa	
DESCRIÇÃO: Blusa com manga presa na roupa e desenho da mão estampada		COLEÇÃO: Verão 2015	
MODELISTA: Andrea Pereira		TAMANHO: Sob medida	
FRENTE		COSTAS	
AVIAMENTOS: Velcro de 10mm de largura Gola polo Botão pressão plástico 08mm Entretela autocolante de 9mm		TECIDOS: Malha piquet verde	
		MAQUINARIO: Máquina reta, overloque, galoneira	

Fonte: arquivo próprio

Bermuda

Figura 10 – bermuda para pessoas que sofreram amputação de um membro superior 1

Ateliê Andrea Pereira	CÓDIGO REFERÊNCIA: 20/15
	MODELO: Bermuda
DESCRIÇÃO: Bermuda com velcro e botão de pressão	COLEÇÃO: Verão 2015
MODELISTA: Andrea Pereira	TAMANHO: Sob medida
FRENTE	COSTAS
AVIAMENTOS: Velcro bege de 2,0 cm largura Botão de pressão de metal 17mm cor ouro velho	TECIDOS: Sarja 100% algodão MAQUINÁRIO: Máquina reta, overloque, interloque

Fonte: arquivo próprio

6 MODELAGEM

A modelagem é uma etapa de grande importância no sucesso de uma coleção. Refere-se à técnica pela qual há a interpretação do desenho criado pelo estilista e a sua posterior transformação em molde. A função do molde é permitir que as peças sejam produzidas quantas vezes forem necessárias.

Há duas vertentes dentro do processo de modelagem: modelagem bidimensional ou plana e a modelagem tridimensional ou moulage.

O primeiro tipo de modelagem, denominada modelagem plana, parte do estudo anatômico do corpo humano, utilizando os princípios da geometria para o traçado do diagrama que resultam em formas que envolverão o corpo.

Para Rosa (2014) a modelagem plana é um método de construção, cuja finalidade é transformar uma forma bidimensional em tridimensional. A modelagem plana é uma técnica responsável pela construção de peças do vestuário, através da leitura e interpretação de modelo específico. Tal procedimento implica na tradução das formas da vestimenta, estudo da silhueta, tecidos, entre outros elementos da peça a ser produzida. Pode ser produzida manualmente, no papel ou no sistema Computer Aided Design/Computer Aided Manufacturing (CAD/CAM), denominada modelagem computadorizada. Essa técnica utiliza os mesmos princípios da modelagem manual, porém otimizada pela tecnologia, sendo então, mais ágil, mais precisa nas medidas, enfim, mais lucrativa para as empresas.

No plano tridimensional essa técnica conhecida como moulage, derivada de “moule” palavra francesa que significa forma, ou draping, originada do inglês - base a ser trabalhada - é o trabalho desenvolvido no tecido ou tela, sobre o próprio corpo ou busto industrial, o que possibilita a visualização em três dimensões: altura, largura e profundidade. Isso a diferencia da plana que é apenas altura e largura, a partir de medidas adquiridas do corpo humano. (ROSA, 2014)

Diferentes técnicas, mas uma depende da outra. Muitos modelistas utilizam das duas técnicas para obter maior precisão e agilidade em determinados trabalhos.

Na industrialização, onde a produção é feita em serie é necessária a modelagem tridimensional que, após aprovação, é transportada para o bidimensional. Isso possibilita a produção em escala, atendendo toda grade de tamanho.

A modelista tem seu papel fundamental, pois ela faz intermediação entre a criação e a produção das peças em grande escala, verificando todo processo técnico. Esse é um trabalho muito importante, pois, uma vez cortadas as peças, havendo falha na modelagem, será difícil fazer qualquer correção. (ROSA, 2014)

6.1 Tabela de medidas

Tabela de medida é um quadro que contém a relação das medidas fundamentais do corpo humano e é referência para construção dos moldes. O modelista de roupa segue a tabela de medidas padrão que variam de acordo com a indústria e público alvo.

Medidas individuais são aquelas tiradas a partir de um corpo, usando a fita métrica para medi-lo.

Medidas padronizadas são aquelas estabelecidas por meio de uma média entre várias medidas, com objetivo de vestir o maior número de pessoas possível. Ainda não temos uma tabela com medidas padronizadas; há, infelizmente, muita variação de tamanho entre as confecções. ABNT(SENAI, 2014)

Há um projeto de medidas, primeiro projeto sobre medidas nº 17: 700.04-005 da ABNT,/ CB-17 teve início em Março de 2015 que aborda os estudos de medidas que melhor se adéquam às pessoas, através de estudo dos corpos, chamados biótipos. Mas é um projeto inacabado. (PEREIRA,2015)

Por não ter um padrão de tabela de medida concretizado, a confecção usa a que melhor atende às necessidades do seu público.

Para as peças desenvolvidas nesta pesquisa, foi utilizado o método de medidas individuais com fita métrica, “tirando” as medidas necessárias de um corpo para desenvolver a modelagem com as medidas fundamentais e complementares.

Obteve, assim, um estudo melhor do corpo, em relação à modelagem, e as medidas que esta pesquisadora precisava para confeccionar as peças especiais, evitando o desconforto das peças de padrão comum.

Tabela de Medidas/individual 1

TABELA MEDIDAS/INDIVIDUAL

NOME: _____ DATA: / /

_____ MODELO _____

A=AROVADO D=DEFINIR

MEDIDAS	TOTAL	MED.12	MED.14	MED.16	MED.18
CIRCUNFERÊNCIA PESCOÇO					
CIRCUNFERÊNCIA BUSTO/TORAX					
CIRCUNFERÊNCIA CINTURA					
CIRCUNFERÊNCIA QUADRIL					
OMBRO					
COMPRIENTO MANGA CURTA					
CIRCUNFERÊNCIA BRAÇO/TERMINA COMP.MAN					
ALTURA SEIO/TOMARA CAIA					
SEIO/SEIO APLICAÇÃO RECORTE					
ALTURA SEIO APÓS BUSTO					
LARGURA COSTA/TERMINA O OMBRO					
ALTURA CINTURA/FRENTE					
ALTURA CINTURA/COSTA					
ALTURA QUADRIL					
ALTURA GANCHO					
COMPRIENTO BLUSA CURTA					
COMPRIENTO BLUSA LONGA					
COMPRIENTO MANGA LONGA					
CIRCUNFERÊNCIA PUNHO/CAMISA					
CIRCUNFERÊNCIA BOCA MANGA LONGA					
COMPRIENTO SAIA					
COMPRIENTO BERMUDA/SHORTS					
CIRCUNFERÊNCIA BOCA BERMUDA/SHORTS					
COMPRIENTO CALÇA					
CIRCUNFERÊNCIA BOCA CALÇA					
CIRCUNFERÊNCIA JOELHO LEVE DOBRADO					
CIRCUNFERÊNCIA PANTORRILHA					

Fonte: confecção da autora

Uma boa técnica para facilitar na hora de tirar a medida da cintura, altura, corpo frente e corpo costa, esta pesquisadora utiliza de um elástico amarrado na cintura.

Medidas fundamentais são aquelas necessárias para construção de um molde como, circunferência do busto, cintura, quadril. Medidas complementares são aquelas necessárias para adaptação de modelo como, altura do busto, seio a seio. (SENAI, 2014).

6.2 Desenvolvimento das peças (modelagens)

Com a definição da modelagem, os moldes das roupas foram desenvolvidos a partir das necessidades de cada PNE. Com as alterações específicas e lógicas em cada modelo, procurou-se proporcionar: beleza, conforto e mobilidade ao vestir a roupa.

Para deficiente cadeirante, o objetivo desta pesquisadora foi ter modelos de roupas com facilidade de uso, tanto ao colocar, como ao tirar. Principalmente sem depender de outras pessoas, dando assim ao deficiente, mais independência no seu dia a dia. Outro objetivo também foi o uso de modelos modernos e coloridos que realçassem a beleza da pessoa, mesmo estando em uma cadeira de rodas. Pensou-se também em desenvolver modelos que valorizassem outra área do corpo, tirando o foco da cadeira. Um exemplo: um modelo que valorize o colo da pessoa. Também modelos de saia, porque não? Saia godê, evasê, rendas e outros modelos que valorizem as pernas que, mesmo paradas, são de grande beleza.

Além disso, foi pensado em cores como grande aliada na confecção das peças, seguindo o painel de tendência para cada coleção desenvolvida.

Há também outros modelos como de calça com abertura nas laterais com velcro, o que facilita a colocação da peça; blusas com manga longa aplicada com botões de pressão, facilitando na hora de retirar, ou devido ao calor. Abertura no decote, com velcro ou botão de pressão de roupa de bebê, facilitando na hora de tirar a blusa.

Para pessoas que sofreram a retirada de uma ou das duas mamas, desenvolveu-se um top que substitui o sutiã, tem , um bolso no formato de um bojo, aplicado com velcro; isso facilita a colocação de uma prótese ou até mesmo um bojo para aparentar volume, valorizando o colo, que é a parte sensual da mulher.

O top foi desenvolvido com alça larga, dando, assim, possibilidade de aplicar velcro, para colocação de ombreiras. Quando há a retirada de uma das mamas, as peças de roupas tendem a ficarem caídas, por falta do volume do seio. A aplicação da ombreira faz com que a peça fique levemente erguida no ombro.

Para pessoas que tem a retirada de um dos membros do corpo, como por exemplo, o braço, pensou-se em peças como calça e bermuda com a colocação de velcro, eliminando o zíper. Quanto ao botão de pressão, este facilita ao puxar e abrir a bermuda ou calça. Botões de pressão internos, na cava da camisa e manga, também ajudam na hora do calor, pois facilitarão a retirada na hora que o deficiente quiser. E, se mudar o tempo, as mangas poderão ser recolocadas. Ao fixar a manga longa na camisa, para que ela não fique solta ao lado do corpo, adaptou-se um velcro ao lado da cintura (como se estivesse com a mão na cintura) evitando que ela ficasse solta, evitando assim chamar a atenção.

A aplicação da ergonomia permite as adequações necessárias às peças desenvolvidas, com a finalidade de uso, levando em conta a preocupação com a saúde, a acessibilidade, conforto e a praticidade no uso dessas peças que estão em contato com o corpo a maior parte do tempo. Com isso a pesquisadora estudou as formas de adaptar as peças, à realidade de cada um, dando maior autonomia a sua rotina. Tecidos com mais conforto, de fibras naturais, pois devido ao clima brasileiro, há muita oscilação de temperaturas, geralmente bem altas.

6.3 Princípios usados para iniciar o desenvolvimento do design do produto na criação do presente projeto

Ao perceber o tamanho do projeto, criar peças para um público especial e exigente, sentiu-se a necessidade de concepção de diferentes estilos a serem adotados.

Para tanto esta pesquisadora realizou pesquisas de comportamento, de preferência quanto às peças a serem desenvolvidas; comportamentos diferenciados, (física e emocionalmente falando) devido as diferentes idades, classe social ou mesmo o meio familiar. Os sonhos e a maneira como cada um encara as dificuldades da vida e a sua própria sobrevivência no dia a dia.

Em visita à cadeirante percebeu-se a dificuldade, não só com a vestimenta, mas também com a rotina mais simples do dia. Algo que chamou a atenção é que sua casa também teve várias alterações quanto à estética ou padrão. Foram colocados corrimões no corredor da casa, para que ela possa se locomover sem ajuda das pessoas o tempo todo.

Quanto a estética, algo que primeiro veio à mente, foram modelos mais coloridos, mais descolados, ou por que não seguir a moda? Pensou-se logo nas cores da tabela de tendências, em modelos que valorizem outras partes do corpo.

Analisando o comportamento dos três PNE entrevistados, notou-se que são pessoas totalmente diferentes, que tem necessidades físicas diferentes, mas que com certeza, há uma grande semelhança entre eles, no desejo de terem suas vidas facilitadas, suas dificuldades amenizadas, de serem aceitos, integrados e amados como todo ser humano. Sonho com eles.

6.4 Material usado e matéria prima

Materiais para modelar

Os materiais necessários para modelagem são: papel, esquadro, régua curva pequena, para traçar decote, cava e régua curva grande para traçar cintura, quadril; lápis preto, colorido, fita crepe, cola de papel, tesoura, fita métrica, borracha, alicate de pique, furador ou vazador, carretilha e tesoura de papel.

Materiais para confecção

Na confecção das peças são necessários: giz de alfaiate, tesoura, lápis preto, alfinetes, pinça, papel carbono.

Matéria prima- fibras

O que são fibras: materiais muito finos e alongados, como filamentos que podem ser contínuos ou cortados.

a) Fibras naturais: são fibras retiradas prontas da natureza, as mais comuns: o algodão (CO), a lã (WO), a seda (S), o linho (CL) e o rami (CR).

b) Fibras artificiais: são fibras produzidas pelo homem, mas que se utiliza matéria prima de produtos da natureza, como a celulose. As mais usadas são: a viscose (CV), o acetato (CA), o Lyocel e o modal.

c) Fibras sintéticas: são fibras produzidas pelo homem, usando como matéria prima, produtos químicos, da indústria petroquímica. As mais conhecidas são: poliéster (PES), a poliamida (PA), o acrílico (PAC), o polipropileno (PP), e o poliuretano (PUR), elastano (PUE).⁹

Tecidos

O tecido que foi utilizado na confecção das peças foi tecido cuja sua composição contém fibras de algodão. Tendo melhor conforto quando a absorção de suor, mais leve e confortável. Possui melhor solidez, porém amassa muito fácil.

Tecido plano tricoline e tecido plano sarja.

Malha

Malha e tecidos usados a partir das fibras mencionadas

a) Malha Piquet, possuem 50% algodão, 50% poliéster, mais indica para camiseta golo polo. Possui mais durabilidade, conforto e maciez.

b) Malha de viscolycra, o elástico é responsável em dar elasticidade na malha. É a fusão da fibra de viscose e da elastano. A composição é entre 90% ou 93% de viscose, e de 7% a 10% de elastano em média. É de baixo custo. Possui maior regularidade, finura e comprimento mais regulares, em comparação às fibras. Sendo que no tingimento, pode usar corante igual ao da fibra do algodão, exceto enxofre. Na lavabilidade, não precisa de lavagem muito longa. Quanto à elasticidade, é mais alta que as fibras naturais. Higroscopicidade, muito alta, durante absorção das fibras incham, provocando encurtamento do tecido.

Não tecido

As ombreiras são compostas de polímeros interligados, formando uma manta macia e flexível. São conhecidos mundialmente como nãotecidos, ideais para ombreiras pois pode ser facilmente costurado, possui excelentes características de maleabilidade, lavagem, limpeza e durabilidade. Possuem peso entre 60 a 120 g/m². É um produto feito via carda, e consolidada via agulhagem e pode-se fazer mistura de materiais, como Poliéster, viscose e poliamida.

Matéria prima – Aviamentos

Zipper invisível de nylon – utilizado para o fechamento das peças;

Botão de pressão número 12 utilizado para abotoamento;

Elástico 4 cm largura e elástico 2 cm largura – usado para ajustar a medida da cintura;

Velcro tem a função de fechamento e fixação de partes de peças;

Colchete 09 mm niquelado usado com a função de abotoamento;

Ombreira de feltro com a função de ajustar ombro, evitando que fique “caído”;

Entretela tem a função de dar firmeza ao tecido;

Botão de pressão de 08m e 17mm com a função de fechamento ou aplicação de outras partes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do mês de julho de 2015, quando esta pesquisadora decidiu fazer o TCC sobre moda inclusiva. Nas aulas de corte e costura em Sumaré-SP, teve o privilégio de ter na sala, uma menina cadeirante que acompanhava sua mãe. O fato dela ficar totalmente parada, chamou a atenção. Ao perguntar se ela gostaria de costurar ou de fazer algum artesanato, ela não se mostrou animada. Esta pesquisadora foi para casa pensando se poderia fazer algo para ajudar aquela garota ter alguma atividade. Pesquisaram-se alguns materiais, e decidiu-se levar algumas modelagens de miniaturas, que havia ganhado para ela criar e costurar roupas para bonecas. Deu certo!

O próximo passo foi procurar onde colocar uma máquina de costura portátil. Conseguiu-se uma carteira escolar onde se encaixou a cadeira de rodas, e assim, a garota ficou próxima à máquina podendo acionar o pedal com uma das mãos.

Na mesma época, esta pesquisadora tomou conhecimento do concurso de moda inclusiva por uma revista do governo. De imediato fez-se a inscrição no 9º Colóquio de Moda Inclusiva, fez-se o esboço (croqui) de três modelos: para uma cadeirante, para mulher que teve uma das mamas amputada (ou as duas), e um para pessoa que teve um braço amputado.

Esses dois fatos, mais a convivência diária com seu irmão deficiente auditivo, levaram-na a abordar esse assunto no seu TCC.

Ao ouvir os depoimentos das pessoas com as três dificuldades citadas acima, e entrevistar um cirurgião plástico para saber a opinião de uma pessoa experiente no assunto. Descobriu-se que na verdade, a estética não se limita apenas à beleza física, mas naquele algo diferente que cada pessoa tem mesmo o

⁹ Pereira, M. Adelina. Aula sobre fibras 3º semestre ano de 2014 de fevereiro a julho.

deficiente, ou especialmente deficiente. Porém, é triste ver o quanto ainda existe de preconceito na sociedade em que se vive. Até mesmo em propagandas, existem imagens preconceituosas.

É sabido que todos têm uma beleza particular e todos tem o direito de sonhar. A deficiência, seja qual for a sua natureza, não precisa impedir uma pessoa de ter uma boa qualidade de vida. A moda inclusiva é um aspecto importante, que pode ajudar o PNE na sua integração na sociedade.

Ainda, a satisfação sincera dos modelos que acompanharam o trabalho no momento do uso do vestuário inclusivo foi o indício mais latente de que, com a utilização de peças que estejam de acordo com o gosto do usuário e que lhes permitam se vestirem da forma desejada, podem-se aumentar a sua autoestima e segurança para interagir com os outros membros da sua comunidade, beneficiando, assim, sua qualidade de vida e participação social.

Desde o esboço de uma peça, devem-se considerar as dificuldades do PNE, tentando amenizá-las. O esboço, bem como a ficha técnica, foram partes iniciais do trabalho, e muito importantes para o sucesso do projeto. E a modelagem também; visto que nesse processo, vai tomando forma o que estava na mente do profissional no início do projeto.

Cada fase, cada detalhe, cada aspecto foi acompanhado de capricho e amor. Por um lado, concluiu-se que com alegria, muita coisa tem sido mudada em no país! Até pode-se ver no dia a dia: maior número de guias rebaixadas, uso mais constante de libras, banheiros adequados e outras melhorias, que não existiam há bem pouco tempo.

Desde o início dessa pesquisa comparou-se esse episódio à vida do grande rei Davi, quando ele era apenas um menino, um pastor de ovelhas e enfrentou um gigante. Mas, conforme o texto, ele não se intimidou; fez o que podia fazer... e, venceu o gigante. Diz o texto: “Davi meteu a mão no alforje e tomou dali uma pedra e com a funda lhe atirou, e feriu o filisteu na testa; a pedra encravou-se- lhe na testa, e ele caiu com o rosto em terra. Assim prevaleceu Davi contra o filisteu, com uma funda e com uma pedra, e o feriu, e o matou; porém não havia espada na mão de Davi.” (1 Samuel 17: 49 e 50).

Motivada por esse menino corajoso e por tantos outros exemplos de vida de pessoas que ficaram firmes em situações de extrema dificuldade, o sonho em, mesmo sendo “pequena e sem armas poderosas”, colaborar para que o Brasil cuide melhor de seus filhos deficientes; pois a sociedade tem dois caminhos a seguir: ou sair da rotina ou buscar inovar a prática em todos os setores, inclusive no de moda e vestuário diante da inclusão; ou ficar discutindo de que não seria viável.; jogando a culpa no sistema, ou no indivíduo, ou no governo, ou na família e em todos os setores da sociedade. Os questionamentos cessarão e a inclusão só se dará quando a sociedade passar do discurso e do debate para a prática em toda plenitude.

Esta pesquisadora indica dois outros trabalhos de pesquisa dentro do mesmo assunto: Moda Inclusiva. O problema de gênero dentro da moda inclusiva, com a coleta de dados num âmbito de maior abrangência. Um estudo aprofundado de ergonomia aplicado ao PNE.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de. Tipos de pesquisa. In: _____ **Como elaborar monografias**. 4. ed. rev. e atual. Belém: Cejup, 1996. cap. 4, p. 101-110

ARAÚJO, Maria do Socorro de, CARVALHO, Miguel Angelo Fernandes. **Antropometria e ergonomia no design para cadeirante desportista**. Revista dObras, São Paulo, v.7, n.15, março 2014, p.80-89. Edição especial Prêmio Gilda de Melo e Souza – 9º Colóquio de Moda.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. Tradução de José Americo Motta Peçanha, Jaqueline Raas; Maria Lucia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel Raposo.

BELIZÁRIO FILHO, J. F. **Inclusão**: projeto para o acesso à saúde mental. In: QUEVEDO, Antônio A. F; OLIVEIRA, José Raimundo, EGLER. (Org.). Mobilidade, comunicação e educação: desafios à acessibilidade. Rio de Janeiro: WVA, 2000,

BRASIL, Casa Civil. **Decreto n. 5.296 de 2 de dezembro de 2004**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em setembro/2015

CAMPOS, Amanda Queiróz, RECH, Sandra Regina. Como se faz tendência?: o desenvolvimento de um modelo conceitual para a pesquisa prospectiva. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 19, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2013. Disponível em: [http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/moda/como se faztend.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/moda/como%20se%20faztend.pdf). Acesso em: 04/01/2016.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito**: indivíduo e cultura. São Paulo: Robe, 1997.

D'ABADIA, Joacir Soares. **Moda**: entre a ética e a estética. 2009. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/moda-entre-a-etica-e-a-stetica/17510>. Acesso em novembro/2010.

DAL BOSCO, Glória Lopes da Silva. Moda inclusiva: uma análise estética e funcional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, 1, COLÓQUIO DE MODA, 10. EDIÇÃO INTERNACIONAL, 7, 2014, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2014 Disponível em: http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda_2014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-Eixo-3-Moda-Inclusiva-Uma-Analise-Estetica-e-Funcional.pdf. Acesso em: setembro/2015.

DUARTE JR, João Francisco. **O que é beleza**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FERREIRA, A.B.H.. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010, p.1152

GOOGLE, **Imagens**. 2015 .Disponível em: <HTTP://www.google.com.com.br-serch?q=IMAGEM+DESAFIANDOGIGANTES>. Acesso em :julho de 2015.

KAUFMAN, Míriam; SILVERBERG, Cory; ODETTE, Fran. **The ultimate guide to sex and disability**: for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness. 2. ed. Berkeley: Cleis Press, 2003.

LAKATOS, E .M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2006

MAFFEI, Simone Thereza Alexandrino. **O produto de moda para o portador de deficiência física**: análise de desconforto. 2010. 90f. Dissertação (Mestrado em Design)-Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Bauru, 2010. Disponível em: www4.faac.unesp.br/posgraduacao/design/.../simone_maffei.php?menu. Acesso em setembro 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.7, n.1, p.35-46, 2001.

MAIOR, Izabel. **História, conceito e tipos de deficiência**. Disponível em: <http://encontro.regional.sedpcd.sp.gov.br/pdf/Texto1.pdf>. Acesso em: 19/09/2015

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MATTOS, Maria de Fátima e BONADIO, Maria Claudia. **Prêmio excelência acadêmica Gilda de Mello e Souza**. Revista dObras, São Paulo, v. 7, n.15, março , 2014. p.8-11

MELO, E.M.; SILVA, R.M. & FERNANDES, A.F.C. (2005). **O relacionamento familiar após a mastectomia: um enfoque no modo de interdependência de Roy**. *Revista Brasileira de Cancerologia*. São Paulo, v.51, n.3, p.219-225. Disponível em: <http://psicoterapiae psicologia.webnode.com.br/products/mastectomia%3A%20aspectos%20psicologicos%20e%20adapta%C3%A7%C3%A3o%20opsicossocial/>. Acesso em: novembro de 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**. 11/12/2006. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/convencao>. Acesso em setembro/2015.

PEREIRA, Maria Adelina. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <andrea.pereira.2007@hotmail.com> em novembro, 2015

PEREZ, Teresa. **The treveller**: sons do Mundo. 2015. Disponível em: www.teresarez.com.br/viagens-temáticas/sons-do-mundo. Acesso em: julho de 2015.

RIBEIRO, Renata Aquino et al. **Tendências e Inovações até que ponto o professor as percebe em sua prática?** uma análise das práticas de Integração das TICs ao Currículo a partir do Blog Webcurrículo. São Paulo, 2013. Disponível em: www.abed.org.br/congresso2013/cd/250.doc . Acesso novembro/2015

ROSA, Stefania. **Alfaiataria**: modelagem plana masculina. 3.ed. Brasília: SENAC – DF, 2014.

RÜTHSCHILLING, Evelice Anicet e RECH, Sandra Regina. Design processos, produção moda. **Revista do-bras**, São Paulo, v.7, n.15, março 2014, p.80-89. Edição especial Prêmio Gilda de Melo e Souza – 9º Colóquio de Moda.

SANTANA, A. L. **Estética**. INFOESCOLA. (2015) Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/estetica/>. Acesso em : outubro/2015.

SÃO PAULO. Secretaria dos Direitos de Pessoas com Deficiente. **Moda inclusiva**: perguntas e respostas para entender o tema. Cartilha Digital. Disponível em: http://pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/MODA_INCLUSIVA_DIGITAL_CARTILHA_FINAL.pdf. Acesso em setembro/2015

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão, construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SENAI. SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. **Modelista de roupas**. São Paulo: SENAI – SP, 2014. 288p.

_____. **Cores da pantone**: Senai Mix Design, direções criativas. Primavera/ verão, 2015/2016. São Paulo: Senai- SP. 2015.

SILVA, Luciene. **O estranhamento causado pela deficiência**: preconceito e experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006.

SOURIAU, E. **Chaves da estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 (trad. De Cesarina Abdalla Belém)

XIMENES, Maria Alice. **Aula proferida em 10/08/2015**, no Curso de Produção Têxtil na FATEC- Americana. Comunicação Oral.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Rio de Janeiro: SENAC, 2011.

WOLTZ, Silvia, CARVALHO, Miguel Ângelo Fernandes. Vestuário inclusivo: a adaptação do vestuário às pessoas com necessidades especiais. In: **COLÓQUIO DE MODAS**, 4, 2008, Novo Hamburgo. **Anais...** Novo Hamburgo: FEEVALE, 2008. Disponível em: www.coloquiomodas.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42438.pdf. Acesso em outubro 2015

APÊNDICE 1

A.1 Depoimento das pessoas com deficiência - SOLANGE TEIXEIRA DA S. MUNIZ, 46 anos, diagnosticada com câncer de mama no dia 15.01.2015.

O NÓDULO

No final do mês de novembro de 2014, senti ao toque, um nódulo na mama, pouco acima da auréola. Procurei um Mastologista (Dr Leandro Ferreira), que, imediatamente solicitou uma mamografia e um ultrassom, e foi constatado um nódulo de quatro cm, em janeiro. No dia 15 do mesmo mês, fiz a biópsia e fui chamada ao consultório para conversar sobre o resultado; havia dado POSITIVO (Carcinoma Invasivo – grau nuclear 1).

O DIAGNÓSTICO

Nesse dia perdi totalmente o chão. Eu estava com câncer e minha mama seria retirada. A princípio, apenas o quadrante; mas como o nódulo era muito grande e estava localizada na maior parte da mama, teria de ser feita uma Mastectomia. Chorei muito, ficava me imaginando sem uma mama, e não conseguia visualizar.

MASTECTOMIA

No dia 06 de fevereiro, realizei a cirurgia de Mastectomia com Esvaziamento axilar, por que os linfonodos poderiam estar comprometidos. Fiz retirada da mama, mas meu médico preservou a pele e a auréola, para a reconstrução ficar melhor

aparentemente. Não fiz a reconstrução da mama junto com a cirurgia por escolha própria. Naquele momento a minha prioridade era tratar e me livrar da doença.

PÓS-CIRURGIA

Quando acordei estava com um dreno, e sem uma mama. Nada bonito, mas respirei fundo e resolvi enfrentar. Estava muito calor e sem condições de colocar uma regata, pois estava sem a mama e com um dreno; nada de roupas apertadas, sutiã nem pensar. As visitas vinham e eu vestia a roupa mais larga que tinha, para não constranger e ser constrangida. Tirando isso, a minha recuperação foi ótima; em trinta dias estava de alta do repouso. E

FAMILIA

Eu decidi não sofrer mais. Iria começar a quimioterapia (foram quatro) e seguir em frente. Minha família foi fundamental nisso tudo.

Mas, em relação ao casamento, meu esposo precisou ter o dobro de atenção e paciência comigo. No começo não consegui ter nenhuma intimidade com ele, e achava que ele não queria nada comigo. Mas, com o passar dos dias, percebi que eu que não me aceitava e sentia vergonha por que meu corpo não era o mesmo. Depois de muitas noites de choro, estresse e diálogo, superamos e tudo ficou bem entre nós.

ROUPAS

Desde a retirada da mama mudei meu jeito de me vestir. Minhas roupas são mais fechadas, com mangas curtas e largas. No começo, colocava o sutiã de bojo. Meu seio é grande e flácido porque amamenteei dois filhos. Então, no lado esquerdo colocava toalhinhas para dar o volume, e, tentava deixá-los iguais e “bonitos”. Mas dava diferença e eu ficava muito irritada, e falava que parecia uma boneca de pano. Meus filhos e meu marido ficavam vigiando quando saíamos, e me avisavam se o lado da cirurgia estava dando diferença do outro. Falaram então da prótese móvel (caríssima) de silicone no formato de uma mama e o sutiã com abertura para encaixar. Mas, achei ridícula, por que o sutiã não tem bojo e as mamas ficam caídas. Dependendo da roupa não dava para usar, pois esquentava demais. Para eu colocar uma roupa para sair, ainda é um problema. Sempre me orgulhei das minhas mamas, grandes e bonitas. Infelizmente não cuidei e as perdi. (Talvez, o sentimento de culpa seja porque ela poderia ter ido antes...)

VIDA NOVA

Da data da biopsia até o término da recuperação da cirurgia, sofri muito, lamentei, mas dei a volta por cima. Fiz a quimioterapia, meus cabelos caíram, estou terminando a radioterapia, que faço todos os dias em Piracicaba. Mas já está passando, porque o que herdei do sangue dos meus pais é a alegria; todo problema se enfrenta com fé, bom humor e otimismo. Foi assim que superei essa doença.

Você escolhe: passar BEM ou passar mal... eu escolhi passar muito bem, GRAÇAS À DEUS!!!

A.2 Depoimento da cadeirante de rodas - Josiane Cristina Sabino, 46 anos e três filhos: de 13, 15 e 18 anos.

DOENÇA

Tive um AVC de tronco no dia 21 de maio de 2010. Era uma quinta-feira, trabalhei o dia todo e por volta das 19:00h, lendo um livro, adormeci. Acordei por volta das 3:00h da madrugada já com AVC.

Fiquei na UTI, 15 dias sendo que uma semana em coma; e outra sem consciência. Passados os 15 dias, fiquei ainda mais um mês no hospital. Quando sai do hospital, fui para casa de uns dos meus irmãos, e fiquei mais dois meses de cama em casa. Só depois de mais ou menos quatro meses, é que fui para cadeira de rodas, onde estou até hoje.

Tudo foi muito difícil; dependia dos outros para tudo, pois fiquei com o lado esquerdo paralisado.

RECOMEÇAR

Aos poucos fui aprendendo tudo outra vez; as coisas mais simples e básicas como: comer, escrever, banhar-me etc. Tenho algumas restrições hoje em dia quanto as pequenas atividades, pois ainda não tenho os movimentos do lado esquerdo do corpo. Mas, faço bastante coisa em casa com o apoio e ajuda dos meus filhos! Isso foi essencial!

VIDA SOCIAL

Quase não saio de casa; apenas vou às fisioterapias, médico e dentista.

ROUPAS

Uso roupas largas e muita legging; desde ocorrido abonei as calças jeans devido às dificuldades de colocar; quanto as blusas prefiro sem manga.

A.3 Depoimento- deficiente com mutilação - Pablo Vinicius, 24 anos: Braço mutilado

A perda do meu braço direito aconteceu quando eu tinha 20 anos de idade, na empresa na qual trabalhava. Foi em uma serra elétrica; a máquina travou e eu tentei destravar. O golpe era para acertar o peito, mas quando fui parar, logo coloquei o braço direito na frente.

O DRAMA

Foi uma barra para mim, pois era a melhor fase da minha vida: jovem, começando a trabalhar e com muitos sonhos.

A perda do braço foi instantânea, no local! Desesperado, sai correndo para rua para pedir ajuda. Nessa situação, cada minuto era importante e as pessoas demoraram para parar, e quem parava deparava com pessoa sem braço, sangue para todo lado.

O SOCORRO

Parou um moço de moto e colocou-me na garupa; mas, devido à perda de tempo e sangue, comecei a desmaiar, obrigando o motoqueiro a parar para colocar-me deitado no chão e buscar socorro.

CIRURGIA

Cheguei ao hospital já desmaiando devido à perda de sangue no corpo. Creio que não aguentaria uma cirurgia.

SOBRE A VIDA

Moro sozinho desde meus 12 anos de idade, abandonei minha família por muitos motivos... não dava mais! Converso com minha mãe de vez em quando.

A ficha caiu no hospital; eu havia perdido um braço e agora como iria trabalhar pagar aluguel?

Não sabia o que fazer. Um tio ofereceu-me ajuda, e eu aceitei.

O QUE PENSO

Dificuldades, todo tem! A forma como você as enfrenta, é que faz toda a diferença! Alguns deficientes se adaptam melhor à nova realidade, e outros não. Eu me adaptei quando acordei no hospital; dependia de como eu ia lidar com essa situação agora. Hoje, às vezes, me esqueço de que não tenho um braço.

ROUPA

Quanto à roupa, os botões fixos usados em calças e bermudas, dificultam muito o fechamento das mesmas, para quem tem apenas uma mão. As mangas compridas das camisas, também atrapalham.

A.4 Depoimento do cirurgião plástico

Hoje, às 6:40h da manhã, estive no hospital São Lucas, para uma entrevista com o conceituado cirurgião plástico Dr. Mario Heis.

Iniciei a entrevista, explicando que gostaria de ter algumas informações sobre a situação de mulheres que, devido ao câncer, tinham uma ou as duas mamas retiradas.

Perguntei sobre o tipo de matérias primas que poderiam ser utilizadas na fabricação de um top para mulheres nessa situação. Algo que não causasse irritação ou alergia, que tivesse elasticidade tanto na vertical como na horizontal, e que fosse confortável.

Ele indicou dois tecidos que conhecia e usava nos seus pacientes. Também sugeriu o uso de um bolso interno para colocação do bojo ou da prótese.

Quando mencionei o uso dos botões de pressão de macaquinho de bebê, ele me alertou que esses botões, por serem cromados, poderiam trazer desconforto à pele, e sugeriu o uso do velcro.

Quanto à prótese, indicou-me a Mama Amiga, grupo de mulheres que fabricam prótese em São Paulo. Inclusive, disse-me que já tem sido feito prótese de alpiste, (alimento para pássaros), o qual era colocado no sutiã para assim preencher o espaço vazio provocado pela retirada do órgão. Essa opção de um material bem mais barato comparado à prótese de silicone dá a oportunidade também às mulheres de baixa renda, de terem esse material a seu alcance.

Quanto à autoestima, tudo que puder ser feito ou desenvolvido para amenizar a perda da mama, é essencial para a mulher, pois a retirada desse órgão é uma agressão, um momento de difícil aceitação. Para mulher é símbolo de sexualidade, fertilidade, vida e feminilidade. A beleza da menina está no rosto, cabelo e colo.

Ao desenvolver o top sugere-se que a modelagem, adapta-se as laterais, forçando um volume no colo, onde a sensualidade é maior. E isso mostrou a preferência das pacientes em colocar a prótese de silicone redonda e não a reta.

A 5 – Autobiografia

Autobiografia: Tenho experiência de conviver com uma pessoa com deficiência auditiva. Vejo na rotina do dia a dia, as dificuldades de comunicação e interpretação. É necessário o uso de uma linguagem especial para que o deficiente interaja com a família e o mundo ao redor. Também é necessário a compreensão e paciência de ambas as partes para que essa interação aconteça; às vezes, encontramos dificuldades em pequenas coisas, que para nós seriam simples, mas para o deficiente, por sua dificuldade de se expressar, se tornam um transtorno. Por isso, nem sempre é fácil suprir as suas necessidades básicas, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais.

Como irmã, sofro ao perceber o preconceito, a reação das pessoas ao ver meu irmão tentando se expressar com a linguagem que ele consegue usar. E isso é bem comum no dia a dia, seja na rua, em lojas, com amigos e reuniões.

Sei que desenvolvimento intelectual não depende do desenvolvimento linguístico. A criança surda pode alcançar mesmo nível de desenvolvimento que a criança ouvinte. Dentro desse contexto a Língua de Sinais é muito importante para educação e desenvolvimento da pessoa surda por ser sua primeira língua. Através dela o deficiente pode se comunicar compreendendo com mais facilidade o mundo e participar da comunidade em que vive. (Baseado no livro Mobilidade, Comunicação e Educação página 78 e 79)

Tenho sonhado e procurado levar meu irmão a sonhar também com um futuro normal e feliz.

APÊNDICE 2

Propagandas que agridem a imagem (Benetton)

A empresa transnacional Italiana Benetton, fundada em 1955 tem sua sede cidade de Treviso. Esse nome Benetton vem dos quatro membros da família. No ano de 1991, a empresa entra em declínio com propagandas polêmicas das pessoas mostrando-se preconceituosas e racistas. Em 2011 entra no auge esse tipo de propaganda, e o governo pede a intervenção da empresa quando a mesma colocou imagem de dois homens se beijando, sendo que um deles era do Papa. Usou a imagem de duas crianças, uma branca e outro afrodescendente, sugerindo o bem e o mal.

A falta de ética publicitária da Benetton aborda assuntos polêmicos como: Aids, Religiosidade e Racismo; e essa falta de ética pode agredir a sociedade na qual vivemos.

Ao observar as campanhas da Benetton, qualquer pessoa pode ver polêmicas, imagens fortes que fazem com que as pessoas critiquem, odeiem e se ofendam. (BAUMAM, V, 1999)

BAUMAM, VIVIAN. A ética publicitária: case Benetton.1999.71 p. (tcc, tese apresentada com exigência parcial para obtenção título de bacharel em Comunicação Social, sobre a orientação da professora Marilde Severt). Universidade Regional de Blumenau. Blumenau,1999

Foto 1 – Imagem que declinem

R.Tec.FatecAM ISSN 2446-7049	Americana	v.4	n.1	p.125-150	mar./set. 2016
---------------------------------	-----------	-----	-----	-----------	----------------



Fonte: Revista Exame.com

Sonia Rikyel, estilista parisiense, em citação no livro de TOSCANI (1996, p.78), diz que: "(...) A campanha da Benetton é provocante, irritante, atraente, insuportável, no limite, além dos limites".

Dramática porque é o próprio drama.

Provocante: ela obriga a parar.

Atraente: belas imagens, belo trabalho do fotógrafo.

Insuportável: frequentemente difícil de ser olhada, porque delirante de desespero e de angústia...

Há coisas que não se mostram, porque incomodam, porque o sofrimento que provocam é insuportável. (...)

Maria Alice Ximenes Cruz

Doutora pelo Instituto de Artes da UNICAMP (2009) com o tema: "A saia motriz: Um percurso nos mistérios da vestimenta e da representatividade espanhola", orientador: Prof. Dr. Ernesto Giovanni Boccara. Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (2004) com o tema: "Corpo e roupa: território da existência e da cultura. Reflexões para o redesenho do corpo feminino no século XIX", orientador: Prof. Dr. Ernesto Giovanni Boccara. Graduada em Licenciatura Plena de Educação Artística pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1984). Atualmente é professora titular das disciplinas Design e Planejamento de Moda e História da Moda no Curso de Produção Têxtil e História da Moda I e História da Moda II no Curso Têxtil e Moda na Faculdade Estadual de Tecnologia- FATEC - Centro Paula Souza em Americana e na Graduação e Pós-graduação em Moda no Centro Universitário Salesiano de São Paulo- UNISAL (unidade Americana) ministrando disciplinas de História da Arte, História da Moda e Desenho de Observação. Professora na UNIARA em Araraquara na docência das disciplinas de Desenho de Observação e Design de Acessórios. Possui experiência na área de Moda, com ênfase em Pesquisa Histórica de Indumentária e Vestuário de Época. Trabalha também como Figurinista e Produtora de Moda. Vem atuando na área de Consultoria de Imagem Pessoal e Visagismo. Autora do livro Moda e Arte na reinvenção do corpo feminino no século XIX, pela Editora Estação das Letras e Cores (2009) e 2ª Edição pelas Editoras Estação das Letras e Cores e Senac Rio. Autora do capítulo "A influência das bailarinas na Moda" do livro Diário de Pesquisadores organizado por Fausto Viana e Rosane Muniz pela Editora Estação das Letras e Cores. Ilustradora do livro para colorir "Entre Amigas", publicado pela Editora Estação das Letras e Cores (2015) e escreveu o capítulo "O perfume na Consultoria de Imagem Pessoal" do livro Cultura do Perfume. Cultura de Moda e outros acordes, organizado por Isabela Monken pela Editora UFJF (2015).

Contato: ximenes.mariaalice@gmail.com

Fonte: CNPQ – Currículo Lattes